

UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA SOBRE A PRODUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA ATUALIDADE

Vera Lucia Lins Sant'Anna¹

Resumo

Ultimamente, vem-se atribuindo à Escola e à Literatura a função de ser o instrumento de informação, formação e prazer. A Literatura Infantil cumpre sua função social ao provocar, na criança, novas formas de pensar, levando-a a atuar, de modo inteligente, em busca da compreensão do mundo; despertando-a também, para os valores estéticos e humanos. Considerando a importância do papel que a Literatura Infantil tem na formação da criança, seria interessante redimensioná-la, pois o novo milênio exige um repensar e um despertar para princípios e valores, que levem a criança a estar pronta para criar e recriar um mundo mais justo e mais comprometido com a solidariedade humana.

Palavras-chave: Literatura infantil. Temática. Estética. Formação e prazer.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, vem-se multiplicando, de forma significativa, o número de experiências, debates e propostas para as reformas educacionais. Acentua-se, cada vez mais, a necessidade de atribuir-se à Escola e à Literatura, a função de ser o meio de informação, formação e prazer.

Em decorrência dessa postura que vem se implantando, a Literatura Infantil vai se tornando um dos principais instrumentos para o desenvolvimento de uma nova mentalidade. Dessa forma, evidencia-se a importância dos estudos sobre as relações existentes entre a literatura infantil e os valores que se deseja passar as nossas crianças.

A ação pedagógica, junto à criança, passou a privilegiar o livro como indispensável ao desenvolvimento acadêmico e à afirmação cultural.

A função social da Literatura Infantil é provocar, na criança, novas formas de pensar, levando-a a mudar não apenas os paradigmas, mas também seu ponto de vista como cidadã, atuando de modo inteligente em busca de compreensão do mundo.

¹ Doutora em Ciências da Religião (UMESP), Mestre em Educação (Univ. Mackenzie-SP), Professora e pesquisadora da PUC/Minas.

1 UM BREVE HISTÓRICO

A década de 70, foi o “boom” da literatura Infantil. Encontros, congressos e seminários foram realizados para debater o assunto. O livro infantil passava a ser lucrativo para autores e editoras que se converteu em livro de leitura de uso escolar.

Bartolomeu Campos Queirós (1997), ao abordar essa questão afirma:

vejo ainda como problema, para a boa penetração da literatura na escola, uma outra dificuldade. A escola é servil. Ela está a serviço de determinadas causas e ideologias. A literatura (arte) não é servil. Ela só existe em liberdade, e seu compromisso é para com a revelação. Para tanto persegue a beleza. Daí, todas as vezes que a escola lança mão da literatura, quer transformá-la em „instrumento pedagógico“, mesmo cortando as asas do leitor para um vôo amplo, desmedido, desfronterado [...] (QUEIRÓS, 1997, p. 43).

Assim concebida, a obra teve desviada sua função estética e passou a servir a propósitos educacionais restritos. E aqui se localiza o problema maior da literatura infantil: nascer comprometida com a educação, em detrimento da arte.

O feitio dos textos está condicionado, nessa medida, à concepção de criança que os sustenta e que determina a natureza dos valores a serem repassados.

No momento, pode-se classificar a Literatura Infantil em tradicional ou clássica, moderna e contemporânea. A literatura clássica, povoada de contos de fada, criava situações sociais de oposição muito bem definidas, e a criança corporificava nas fadas e bruxas as idéias de bem/mal que se degladiavam para interferirem na vida de príncipes e princesas, símbolos de cada criança envolvida com o imaginário. A literatura contemporânea por sua vez, vem apresentando tendências inovadoras e conquistas científicas e tecnológicas, em que a rapidez ante a mudança, a agilidade, a multifuncionalidade e a polivalência transcultural permitem que o desenvolvimento flua entre todos os elementos da sociedade. Assim, à Literatura Infantil clássica juntam-se as aventuras espaciais, a ficção tecnológica e a literatura abstracionista, levando a criança ao deslumbramento, ao fascínio, ao lazer e a uma relação dinâmica com o mundo.

Graça Paulino (2010) afirma,

[...] Veja-se a literatura infantil contemporânea: ela deve ser doce, isto é, deve deleitar os pequenos leitores, cumprindo um destino estético e, ao mesmo tempo, deve ser útil, atendendo às demandas históricas, datadas, de pequenos cidadãos de uma sociedade em crise.” (PAULINO, 2010, p. 107)

A criança está ávida por entender esse deslumbramento que a cerca. Ela deseja interagir dinamicamente nesse jogo, em que se considera senhora absoluta da situação.

Nesse sentido Yunes e Pondé (1998) afirmam que:

Para a criança, o processo psíquico de identificação (a interação de subjetividade que nos lança para dentro dos livros) é ainda mais forte; daí a necessidade de o escritor ter consciência plena do seu mister. Os papéis propostos pelos personagens são vividos pela imaginação infantil com a força de um drama real. Por esta via, texto e leitor se fundem - o que acentua a possibilidade de impressão, sobre a consciência do leitor, dos modelos de comportamento e dos conflitos vividos(ideologia) no universo. A leitura, para a criança, bem mais que um meio de evasão ou de socialização, é um meio de representação do real. Desse modo, o texto ajuda-a a reelaborar o real, sob a forma do jogo e da ficção. (YUNES; PONDÉ, 1998, p. 41).

Faz-se necessário um processo de inclusão, onde haja uma adequação do texto às condições cognitivas, sociais e afetivas das crianças. O que importa não é o texto em si, mas o uso que a ele se dá. Salienta-se assim, o caráter socializador da literatura.

Como o comportamento infantil é imitativo, o mundo delineado na literatura é exemplar para a criança. Este mundo, porém, “não está simplesmente à deriva, mas o futuro aparece como uma possibilidade aberta à criatividade humana”. (STRECK, 1994, p. 19)

No processo educacional, em visão interacionista, a criança vem aprendendo valores, assimilando costumes e crenças, fenômeno que a Psicologia Social denominou socialização. É por meio dessa ação social que o indivíduo torna-se membro de um conjunto social, aprendendo seus códigos, apropriando-se de suas representações simbólicas.

Em razão disso, cumpre ao educador avaliar, em todas as direções, os efeitos da transmissão cultural, pela ação do inconsciente coletivo ou com intenção pedagógica, na formação infantil, visando às práticas educacionais mais abertas, estimuladoras da cooperação entre pais, professores e comunidade, com o compromisso de firmarem uma nova concepção de ensino, uma nova concepção de visão de mundo, atentando para os valores que a criança vai assimilando em seu desenvolvimento, levando em conta, inclusive, choques de aculturação, tendo em

vista o histórico-sócio-cultural da sociedade brasileira.

2 A TEMÁTICA E PECULIARIDADES QUE DIFERENCIAM A LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil, como diz Antônio Cândido, está voltada para a cultura de “conhecimento do mundo e do ser”, representando um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escrito. (CANDIDO, 1972, p. 806).

É atribuída uma tarefa educativa à literatura infantil, complementar à atividade pedagógica exercida no lar e/ou na escola, que garante sua necessidade e importância no seio da vida social.

Nessa linha interpretativa, Cademartori (1991), afirma:

A escola é lugar de consagração do status quo , sua vocação é acentuadamente conservadora, pois incumbe-se de garantir a permanência do que já está estabelecido. A literatura por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. (CADEMATOTI, 1991, p. 1).

Sabe-se que, pela Literatura, consegue-se despertar as crianças para os valores estéticos e humanos, oferecendo-se, assim, recreação, aventura e aprendizagem.

A necessidade de uma sintonia entre os valores presentes na literatura infantil e as exigências do novo milênio, com seus novos valores em ascensão merece uma análise mais aprofundada, por isso, a literatura infantil não pode ser vista como um simples entretenimento.

Literatura é escrever, dramatizar, cantar, poetizar, brincar, construir o cotidiano e o imaginário, resgatar lendas e narrativas exóticas, enfim, dimensionar o conhecido e descortinar revelações do desconhecido. É, ainda, atividade lúdica, que liberta o pensamento lógico, abrindo lugar à incoerência e à desorganização do racional, os quais - reconstituídos e decodificados- devem percorrer caminho imenso, qual seja construir a imagem consciente e organizada do mundo real.

À medida que a Literatura questiona os convencionalismos de interpretação e comportamento, apresentando novas perspectivas, é que se dimensiona a sua

importância.

O elemento mais vivo, na Literatura, é a sua presença na estruturação psicológica e afetiva da criança, cujos efeitos ressoarão em seu desenvolvimento mental.

Sabe-se que fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas, contos e romances fazem parte de uma heterogênia matéria narrativa, que está presente nas origens das literaturas modernas e possui um certo saber fundamental.

Eles se espalharam por toda parte e permanecem até hoje. Esse tipo de Literatura é indicado para crianças, devido a seu conteúdo simbólico universal e a seus aspectos de cunho antropológico- cultural. Ao se estudar a literatura infantil brasileira, verifica-se que as obras de Monteiro Lobato foram um marco. Suas histórias são conhecidas pelo sentimento de nacionalidade e de brasilidade. “Lobato realizou uma obra onde a criança, desinibida e autêntica, é livre para ser criança.” (CARVALHO, 1989, p. 134).

Percebe-se, nos seus trabalhos, um objetivo maior: levar a criança a desenvolver seu próprio raciocínio, com uma visão crítica do mundo que a cerca.

“Há escritores que se limitam a repetir os principais modelos lobatianos e elaboram narrativas onde falta precisamente o que constitui seu grande achado: a circunscrição, do que, naquela época, ainda era predominantemente rural e interiorana.” (ZILBERMAN, 1987, p. 58).

A riqueza lobatiana, porém, não resistiu ao tempo. Nos anos 50 , enquanto era sucesso, sofria a crítica de uma pedagogia tradicional , realista e decorativa, que o acusava de afastar as crianças da realidade, de confundir a realidade, e de criar crianças rebeldes, Narizinho e Pedrinho, que sob o comando de uma boneca empertigada e sem limites, lançaram-se no escapismo do imaginário, criando um mundo próprio, indiferente às exigências sociais.

Até praticamente a década de 1980, as crianças mantiveram-se lendo obras de Lobato. Não creio que hoje em dia isso se dê, por uma série de razões ligadas ao idioma e à forma como a língua foi empregada, além da própria evolução tecnológica, que criou alguns antagonismos com a obra desse grande autor [...] (TÁVOLA, 1998, p. 40).

Hoje, Lobato tem sido esquecido porque se tornou ingênuo demais para enfrentar os entes sobrenaturais de um mundo tecnológico, em que criaturas fantásticas colocam a velha Emília no baú da vovó Benta. Restaram algumas versões de televisão, com seriado do “sítio”, mas a suave Narizinho não resistiu à força da programação de apresentadores televisivos, bem como aos desenhos interplanetários.

Quando se analisam as lendas que permeiam o folclore brasileiro, verifica-se que as que alcançam maior interesse são as que apresentam conotação antropológica: o Saci, a lara, o Negrinho do Pastoreio, entre outras. Tais lemas abrangem temas simbólicos universais e étnicos, tais como: violência infantil, morte, valores morais dentre outros.

Devido a esses efeitos é que Sônia Salomão Khéde, conforme se depreende do seu valioso estudo, aborda:

Existem temas que provocam a introdução de elementos sobrenaturais, tais como: o incesto, o amor homossexual e a necrofilia. Esses temas se restringem a dois tipos de proibição: a institucionalização e a que atua como autocensura, que transformam determinados assuntos em tabus, devido às pressões sociais. (KHÉDE, 1990, p. 21).

Ao serem estudadas as diferentes temáticas abordadas pela Literatura Infantil, observa-se que, na atualidade, a maioria dos livros aborda problemas familiares e sociais do cotidiano.

Segundo Regina Zilberman (1987),

Se o aspecto temático verista tem na literatura infantil importância enquanto vanguarda, porque rompe com os padrões ordinários relativos às produções para crianças, sua plena realização dependerá de sua integração dos parâmetros característicos de toda a literatura: verossimilhança no tratamento da história, afinando o mundo representado à enunciação do narrador, e coerência no desdobramento da ação, que decorre de uma necessidade interna e causalidade narrativa. (ZILBERMAN, 1987, p. 81-82).

Os contos de fada, para muitos educadores, são fonte inesgotável de desenvolvimento da criatividade/razionalidade, quando trabalhados pedagogicamente, por meio da arte de contar histórias, dialogando com crianças, como no passado. Lidos mecanicamente, ou vistos por decodificação

cinematográfica, ou, então, em formato de vídeo, perdem muito de sua função pedagógica. Misturados e combinados, sem critério e com excesso, a outros gêneros do imaginário, perdem seu encantamento e sequer despertam o mesmo entusiasmo nas crianças de hoje, além da confusão de valores em paródias de bruxas bonitas e boas e princesas feias e más.

Bruno Bettelheim, no seu livro - A Psicanálise do conto de fadas- afirma que a literatura é um dos meios que melhor transmite a herança cultural às crianças, sendo também de grande ajuda no seu desenvolvimento emocional.

Acredita, ainda, que os contos de fadas têm função terapêutica, pois servem à organização emocional e à maturação afetiva da criança. Para ele: *“Aplicado o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e a inconsciente , em qualquer nível que esteja funcionando no momento.”* (BETTELHEIM, 2000, p. 14).

Críticos da literatura infantil têm se preocupado com este estudo, dentre eles, destaca-se Anthony Arthur, quando afirma: [...] *Todas as crianças estão preparadas para saber controlar estes mecanismos? A criança sabe onde termina o deveria ser e onde começa o realmente é ?*” (ARTHUR, 1978, p. 459).

Nos contos de encantamento encontram-se, em geral, personagens - adultos procurando o auto conhecimento.

Segundo Ricardo de Azevedo: *“Paradoxos e emoções fazem parte da vida. A mortalidade e o amor são fatos. O choque entre gerações sempre existiu e vai continuar existindo; afinal, convenhamos, o novo sempre, sempre e sempre virá para substituir e ultrapassar o velho. É apenas uma questão de tempo.”* (AZEVEDO, 1999, p. 87-88).

Afirma, também, que boa parte dos livros dirigidos, hoje, ao público infantil, pertence a essa categoria. Eles se utilizam da ficção de forma utilitária e têm necessariamente uma mensagem única (uma utilidade) no final : ensinar a não ter medo do escuro; a preservação da natureza; preceitos morais; a educação sexual etc. No fundo, são livros didáticos e remetem ao conhecimento científico e oficial e aos valores e regras estabelecidos.

A literatura infantil, associada à escola, que deveria preservar valores

educativos, cívicos, patrióticos e morais, constitui, então, um veículo de repasse desses princípios, e os textos passam a ser valorizados em função dessas qualidades.

Os livros didáticos sobre literatura infantil ressaltam os aspectos positivos da magia e do sobrenatural, do inexplicável, do fantástico e do mistério na formação infantil, argumentando que eles estimulam a imaginação e a criatividade, impulsionando a criatura humana a novas descobertas. Enaltecem os valores éticos do bem e combatem o mal, ajudando a criança a organizar o seu mundo afetivo, por meio de atributos de personagens fantásticos.

A recriação dos contos maravilhosos nos dias atuais, coloca crianças protagonizando aventuras com as personagens sobrenaturais. Já as leituras paradidáticas, são, em quase sua totalidade, centradas em temas do sobrenatural que não delimitam, com clareza, os tipos clássicos da simbologia do imaginário infantil.

De acordo com Byington (1988), os símbolos têm de ser trabalhados em suas múltiplas expressões, sejam contos de fadas ou filmes de criaturas sobrenaturais, pois a quantificação, sem decodificação pode reforçar reações negativas na formação da personalidade.

Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1989), pioneira do ensino de Literatura Infantil nos currículos escolares brasileiros, afirma:

A criança da era espacial vive o maravilhoso no cotidiano. Então , temos que lhe dar o fantástico-real ou retornar a situações primitivas, para criar o impacto de que ela precisa? Nada disso, não há temas bons ou maus, atuais ou remotos, se a obra é boa, se é realmente uma expressão de arte, tudo se harmoniza e se ilumina: o poético, que caracteriza a obra de arte, realiza sua plenitude. (CARVALHO, 1989, p. 19).

A literatura infantil precisa resgatar princípios e valores que levem a criança a pensar sobre si, sobre o outro, e que norteiem suas ações em sociedade. Tal reflexão poderia ser feita de maneira sociológica e antropológica, levando a criança a conhecer a diversidade de valores presentes na sociedade, uma vez que valores e regras são transmitidos também pelos livros didáticos e paradidáticos.

Segundo Angela Leite de Souza (1997),

nem tudo que se escreve serve (aspecto moral) para uma criança, nem é inteligível (aspecto intelectual) para ela. Enquanto a questão ética se torna cada dia mais discutível –isto é, há quem pense que tudo pode ser escrito para todos, dependendo apenas de como se diz –, por outro lado, a questão de compreensão do texto é irrecusável. [...] o livro infantil tem caráter formador: formar futuros leitores ávidos de boa literatura, não importa para quem tenha sido escrita. (SOUZA, 1997, p. 16-17).

O tema Ética diz respeito a praticamente todos os outros temas tratados pela literatura. Diz respeito às relações e valores humanos. Ao ancorar a educação moral na vivência social, reatam-se os laços entre falar e agir. Assim, qualquer que seja a forma de expressão da literatura infantil- dos contos de fada ao teatro, das cantigas às poesias- envolverá os aspectos intelectual, emocional, social e psicológico, e poderá agir na formação da criança.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo esse período, as relações da escola com o meio social são, portanto, controversas. No esforço de normatizar o cotidiano, muitas vezes ela substitue a realidade vivida por uma utopia pedagógica. Desta forma, nem sempre se questionam, devidamente, os conflitos existentes que permeiam a coletividade da comunidade que a circunda.

Na medida em que a obra literária infantil é produzida por adultos, o texto pode se converter num importante instrumento de intervenção na realidade. Desta forma, as obras selecionadas e adotadas, acabam por refletir a ideologia das tendências educacionais do momento.

A literatura infantil é entendida como agente emancipador, capaz de projetar a criança para além do universo cotidiano, criando a vida como ela ainda pode ser vivida. Por isso, seu caráter educativo, em sentido amplo, deve ser resgatado, em detrimento da função meramente pedagógica.

Cada vez mais, autores de textos infantis tentam criar, via literatura, um espaço harmonioso entre a criatividade e as relações da criança com o mundo, estimulando a curiosidade, a descoberta, o prazer da palavra poética.

A literatura, quando comprometida com o interesse da criança, pode

transformar-se também em meio de acesso ao real em possibilidade de enriquecimento do imaginário.

O que observamos, em todo o percurso da literatura infantil brasileira, é a tensão entre dois pólos: pedagogismo e proposta emancipatória, massificação e liberdade expressiva. Nos dias atuais, quantidade e qualidade coexistem na literatura infantil, em que a produção de textos estereotipados compete com o sucesso no mercado cultural, e o surgimento de autores críticos e criativos propicia a excelência de algumas obras.

Sem a pretensão de concluir o assunto, fica a advertência sobre o papel da Literatura Infantil na formação da criança e um convite a redimensioná-la, tendo em vista que o novo milênio exige um repensar e um despertar para princípios e valores em que a criança possa estar pronta para criar e recriar um mundo melhor: mais justo e mais comprometido com a solidariedade humana.

Abstract

Lately, it has been assigned to School and to Literature the function of being the instrument of information, formation and enjoyment. Children's Literature fulfills its social function when causes in children new ways of thinking, leading them to act in search of understanding the world, in a intelligent way; it also awakes them to the aesthetic and the human values. Considering the important role that Children's Literature has in children formation, it would be interesting do give it a new dimension, as the new millennium requires a rethink and an awakening to the principles and values that lead the child to be ready to create and recreate a fairer world and also one more committed to human solidarity.

Key words: Childhood Literature. Thematic. Formation and enjoyment.

REFERÊNCIAS

ARTHUR, Anthhony. The uses of Bettelheim's: The uses of enchantment. **Language, Arts**, v. 55, n. 4, Apr., 1978. p.459.

ASSALI, Shirley Maia. **Ideologia do discurso na literatura infantil**. São Paulo:1992. Dissertação de mestrado. USP.

AZEVEDO, Ricardo. Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão!. **Presença Pedagógica**, v. 5, n.25, p. 87-88, jan./fev., 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BYINGTON, Carlos. **Dimensões simbólicas da personalidade**. São Paulo: Ática, 1988. 80p. (Princípios; 134)

CADEMATOTI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. Brasiliense. São Paulo: 1991.

CANDIDO, Antônio. Textos de intervenção. In: CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24. n.9, 1972.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 6. ed. São Paulo:1989. p. 134.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979. COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Ed. Quiron, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. São Paulo: Ed. Quiron, 1985.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Ática, 1985

FREIRE, Paulo. **Educação e mudanças**. São Paulo: Paz e Terra, 1982

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução a literatura infantil e juvenil**. 2.ed. São Paulo: Ed. Pioneira,1991.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. 2. ed. São Paulo: Ática. 1990. p. 21.

KUETHE, James I. **O processo ensino aprendizagem**. Ed. Globo. Porto Alegre: 1978.

LAJOLO, M. **O que é literatura?** Ed. Brasiliense. São Paulo:1982

LANE, Sílvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. Ed. Brasiliense. São Paulo: 1981

LAYOLO, Marisa Philbert; Regina Zilberman. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 4. ed.. São Paulo: Ed. Ática,1988.

MELLO, José Marques de. **Para uma literatura crítica da comunicação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

PAULINO, Graça. Funções e disfunções do livro para crianças. In: **Das leituras ao Letramento Literário**. Belo Horizonte: Fae/UFMG, 2010. p.107.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **O jogo do livro infantil**. Horizonte: Editora Dimensão, 1997. p.41-43.

RESENDE, Maria Vânia . **Literatura infantil e juvenil: relatos de experiências na escola**. Ed. Comunicação . Belo Horizonte:1983

RODERJAN, Rosely Vellozo . **Folclore Brasileiro**.Ed. Funart. Paraná:1981.

SOUZA, Angela Leite de. O leitor e as qualidades dos livros. In: PAULINO, Graça. **O jogo do livro infantil: textos selecionados para formação de professores**. Belo Horizonte: Dimensão, 1997. 148p. (Lendo & ensinando) I

STRECK, Danilo Romeu. **Correntes pedagógicas: aproximação com a teologia**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p.19.

TÁVOLA, Arthur de. TV, criança e imaginário. In: PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, criança, imaginário e educação: dilemas e diálogo**. São Paulo: Papyrus, 1998.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. 7. ed. São Paulo: Global, 1987